



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PSICOLOGIA

BÁRBARA CROSARA PORTO ANTUNES

**O USUÁRIO DE DROGAS NAS RUAS DA CIDADE: UMA SOMBRA DO
INSCONSCIENTE COLETIVO?**

GOIÂNIA, 2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome completo da autora: Bárbara Crosara Porto Antunes

Título do trabalho: O Usuário de Drogas nas Ruas da Cidade: Uma Sombra do Inconsciente Coletivo?

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Marilucia Pereira Do Lago, Professora do Magistério Superior**, em 31/01/2024, às 16:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Barbara Crosara Porto Antunes, Discente**, em 04/03/2024, às 08:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4352626** e o código CRC **6F6BB52C**.

Referência: Processo nº 23070.005311/2024-12

SEI nº 4352626

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOLOGIA

BÁRBARA CROSARA PORTO ANTUNES

**O USUÁRIO DE DROGAS NAS RU
AS DA CIDADE: UMA SOMBRA DO INSCONSCIENTE COLETIVO?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como parte da exigência para obtenção do título
de bacharel em Psicologia pela Universidade
Federal de Goiás.

Orientadora: Dra. Marilúcia Pereira do Lago

GOIÂNIA, GO

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Antunes, Bárbara Crosara Porto

O usuário de drogas nas ruas da cidade: uma sombra do inconsciente coletivo ? [manuscrito] / Bárbara Crosara Porto Antunes. - 2024.

XLIX, 53 f.

Orientador: Profa. Dra. Marilúcia Pereira do Lago.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Psicologia, Goiânia, 2024.

Bibliografia.

Inclui fotografias.

1. Sombra. 2. incosciente coletivo. 3. drogas . I. Lago, Marilúcia Pereira do , orient. II. Título.

CDU 159.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos trinta dias do mês de janeiro do ano de 2024 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “O Usuário de Drogas nas Ruas da Cidade: Uma Sombra do Inconsciente Coletivo?”, de autoria de Bárbara Crosara Porto Antunes, do curso de Psicologia, da Faculdade de Educação da UFG. Os trabalhos foram instalados pela orientadora, Profa Dra Marilúcia Pereira do Lago, do curso de Psicologia da Faculdade de Educação da UFG com a participação da Banca Examinadora: Prof. Dr. Pedro Adalberto Gomes de Oliveira Neto. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final 10 tendo sido o TCC considerado Aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Marilucia Pereira Do Lago, Professora do Magistério Superior**, em 31/01/2024, às 16:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Pedro Adalberto Gomes De Oliveira Neto, Professor do Magistério Superior**, em 31/01/2024, às 23:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4352390** e o código CRC **F89B1BF5**.

Agradecimentos

Termino a graduação que iniciei em 2019 contando com uma rede de apoio que me possibilitou passar por esse período de uma forma tranquila e com muita satisfação de trilhar esse caminho por cinco anos.

Gostaria de começar agradecendo à minha mãe. Foi ela que sempre me incentivou a ser uma leitora ávida e me mostrou a importância do estudo. Foi me espelhando nela que também fui capaz de compreender a importância de se ter um olhar carinhoso e olhar para todos sem distinção. Meu grande exemplo de pessoa no mundo, tudo que sou devo em grande parte a você.

Meu pai que sempre me apoiou nas minhas decisões e que possibilitou que tudo isso fosse realidade. Sou imensamente grata por te ter ao meu lado. Tem muito de você em mim.

Ao meu irmão, que é o crítico mais carinhoso que se pode ter ao lado. Com você a vida é uma aprendizagem diária.

Também queria agradecer a todos os docentes que passaram por mim durante a minha formação. Com certeza todos eles refletem na psicóloga que me tornei agora no fim da graduação. Em especial gostaria de agradecer ao professor Pedro Gomes Neto que esteve desde o início comigo me apresentando a teoria que eu mais senti afinidade e a professora Marilucia Pereira do Lago que me ajudou a concluir essa trajetória da maneira mais tranquila possível.

Agradeço também aos meus amigos de graduação Vinícius, Juliana, Maria, Mayara, Ana Flavia, Ana Catarina, Ester, Virginia, Leylayne e Vivian. Os cinco anos de curso foram também um privilégio por ter a possibilidade de compartilhar tantos momentos com todos vocês. Enriquecemos no encontro das nossas diferenças e isso também foi enormemente formativo.

Aos meus amigos, que me acompanham desde o ensino médio: Maiara, Estevão e Gláucio. A presença de vocês em mais uma etapa que concluo é a certeza de um vínculo de muito companheirismo e amor.

A toda a equipe do CAPS casa, que me recebeu no meu último ano para concluir o meu estágio obrigatório. A partilha foi enorme e reverberou em mim de uma forma que reflete no tema desse trabalho de conclusão de curso.

Por fim gostaria de agradecer a todos que indiretamente também contribuíram para que esse resultado final fosse possível. Sem o coletivo que me rodeou e me rodeia esse trabalho não seria possível. Com todos que tenho ao meu lado me fortaleço para olhar pro que precisa ser olhado e colocar em prática tudo que aprendi e acredito.

“Homo sum, humani nihil a me alienum puto”

Terêncio

Minha perspectiva é o fracasso.
Porque se nesse sistema se eu não
fracassar é porque aderi a ele.

Padre Julio Lancellotti

Resumo

O presente trabalho busca olhar as pessoas em situação de rua nos centros da cidade e o uso de substâncias pelos mesmos, estabelecendo uma relação com a teoria proposta por Carl Gustav Jung (1875-1961). Assim, se tenta olhar para esses sujeitos, que em diversos momentos são marginalizados e estigmatizados, e compreender quais as questões que dentro da terminologia da sombra, proposta por Jung, podem ser compartilhadas por todos. Assim, o que se pretende é partindo de uma perspectiva de opostos e aproximações trazer esse objeto mais próximo e observar como o uso de drogas e a possibilidade de seu uso tem uma relação comum a diversas pessoas e não apenas com grupos específicos.

PALAVRAS - CHAVE: Sombra, Inconsciente Coletivo, Drogas

Abstract

The present work seeks to look at homeless residents in city centers and their use of substances, establishing a relationship with the theory proposed by Carl Gustav Jung (1875-1961). Thus, we try to look at these subjects, who at different times are marginalized and stigmatized, and understand which issues within the terminology of the shadow, proposed by Jung, can be shared by everyone. Thus, what we intend to do is, starting from a perspective of opposites and approximations, to bring this object closer and observe how the use of drugs and the possibility of their use has a common relationship with different people and not just with specific groups.

Key Words: Shadow, Collective Unconscious, Drugs

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	2
RESUMO.....	5
ABSTRACT	6
1.INTRODUÇÃO.....	8
2. Os Conceitos da psicologia analítica.....	10
2.1.A obra de Jung e o conceito de Sombra.....	10
2.2.O conceito de inconsciente coletivo	13
2.3. O conceito de inconsciente individual	16
3. O homem civilizado e a relação com uso de drogas	20
3.1. O homem civilizado. O que é e como se dá a sua constituição.....	20
3.2. O apolínico e o dionisíaco na constituição do sujeito civilizado.....	24
3.3. O uso de entorpecentes no mundo civilizado.....	26
4. O usuário de drogas em situação de rua como sendo a sombra do civilizado.....	31
4.1 O usuário nos centros urbanos.....	31
4.2 A integração da Sombra passa por uma construção coletiva e pelas políticas públicas.....	37
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
6. CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	47

1. Introdução

O presente trabalho nasce como um resultado de toda a minha trajetória acadêmica durante os meus cinco anos de formação no curso de psicologia na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. O recorte do tema é resultante do meu estágio obrigatório no Centro de Atenção Psicossocial para usuários de álcool e outras drogas. Essa experiência certamente foi essencial na minha formação como psicóloga, mas, além disso, minha formação como sujeito.

A escolha pela teoria da psicologia analítica é resultado do meu contato com a teoria dentro da faculdade. Durante os anos da minha formação estive inserida no grupo de estudos Junguianos, que é um projeto sobre orientação do professor Pedro Gomes Neto, o qual também foi meu orientador durante minha iniciação científica. O contato com a teoria no meu primeiro ano de graduação acabou por ressoar e agora se faz presente também na conclusão desta etapa. Dessa forma, esse trabalho propõe o estudo sobre o tema dos usuários de drogas nos centros urbanos se pautando na psicologia analítica, mas para, além disso, esse trabalho acaba por falar da minha própria formação e de como foi a própria construção do fazer psicologia para mim.

Dentro dos grandes centros urbanos o processo de marginalização e de exclusão em diversos momentos acaba sendo também geográfico. Os centros das cidades, abandonados após vivenciarem o ápice, acabam por se tornar o lar de sujeitos que nem sempre são bem vistos socialmente. Diante dessa realidade é possível problematizar a questão “Em que medida o usuário de droga em situação de rua representa a sombra arquetípica do homem civilizado?”.

Tal questionamento surge após o acompanhamento de diversos usuários no CAPS que fogem do estereótipo que é amplamente difundido dessa parcela, como: “delinquente”, “noia” e “cracudo”. Todos quando ouvidos contam suas histórias de abandonos, perdas e dúvidas. Histórias que, guardadas as devidas proporções, podem também existir em casa de bairros das classes altas de qualquer cidade.

O afastamento desse sujeito que pode ser uma simbolização da própria sombra pessoal desta pessoa que afirma ser muito diferente desse animal acaba por ser um processo que possibilita o passeio no centro da cidade nos fins de semana sem grandes afetações.

Para a investigação desse tema optou-se por realizar uma revisão bibliográfica pautada principalmente nas obras de Jung e artigos que possibilitam a interseção com o tema.

2. Os conceitos da psicologia analítica

Para iniciar a investigação sobre o tema que essa pesquisa se propõe, é necessário primeiro compreender algumas definições na obra de Jung e o plano de fundo no qual ele estava quando estabeleceu essas formulações. Neste capítulo os principais conceitos que serão apresentados e aprofundados são: sombra, inconsciente coletivo e inconsciente individual.

2.1. A obra de Jung e o conceito de Sombra

Jung nasceu em 1875 em Keswill, na Suíça, era de origem luterana e seu pai era pastor. Em 1895 iniciou seus estudos em medicina na Universidade da Basileia e em 1900 se torna assistente de Bleuler no Burghölzli, hospital psiquiátrico em Zurique.

Ainda em 1900 entra em contato com as obras de Freud através do texto “A interpretação dos sonhos” (Freud, 1899). Em 1907 se encontra pessoalmente com Freud pela primeira vez e passa a frequentar o círculo de psicanálise. Dentro da relação dos dois há um período de grande aproximação e de uma forte ligação, todavia, essa relação é rompida após Jung mostrar interesse por alguns temas que não interessavam Freud, entre eles estão: discordância sobre o método de interpretação dos sonhos, importância da busca da espiritualidade e a própria visão positivista de Freud sobre a psicologia. Após esse rompimento Jung busca estruturar as bases da Psicologia Analítica. (Ramos, 2008)

É importante ainda colocar o próprio panorama que o campo das ciências passava durante esse período. Durante essa época a ciência ainda se pautava, em grande parte, em uma perspectiva cartesiana. Ao olhar para o inconsciente e colocar esse como um elemento inicial, do qual brotaria o inconsciente (Jung, 2017, p.14) o psicólogo fez o que para Von Franz (1975/1992) pode ser visto como “o fim do racionalismo científico do século XIX” (Jung, 2017, p. 14).

Todavia esse rompimento com o *status quo* presente no círculo científico do período não ocorreu de forma tranquila. Jung afirmava que a existência do

espírito da época acaba por dificultar compreensões sobre o que foge da racionalidade estabelecida no período. Assim ele pontua

Não se deve brincar com o espírito da época, porque ele é uma religião, ou melhor, ainda, é uma crença ou um credo cuja irracionalidade nada deixa a desejar, e que, ainda por cima, possui a desagradável qualidade de querer que o considerem o critério supremo de toda a verdade e tem a pretensão de ser o detentor único da racionalidade.(Jung, 2013, p.219)

Dessa forma, é possível observar a importância do papel de Jung, que além de buscar romper com esse "espírito da época" de uma psicologia pautada pela divisão entre corpo e alma ainda busca se manter atento para as propostas científicas e manter as discussões de sua teoria reverberando dentro deste ambiente. Assim, o autor busca delimitar uma epistemologia que possibilitasse o desenvolvimento da psicologia analítica. Segundo Penna essa epistemologia

(...) concentra-se, principalmente, na possibilidade e nos limites de acesso ao inconsciente. A possibilidade de acessar o mundo subjacente (inconsciente) repousa na hipótese de que este se expressa na realidade manifesta (consciente). (Penna, 2005, p.83)

Jung ainda questiona esse "espírito da época" em seus escritos. Segundo ele não é por que algo é amplamente aceito que ele é dotado de razão humana, o autor inclusive propõe o contrário, que por ser quase que uma força "esmagadora" acaba por ter uma forte carga sentimental. Assim, ele coloca "Pensar diferente do que, em geral, atualmente se pensa, tem sempre o ressaibo de ilegitimidade e de algo perturbador; é considerado mesmo como algo de indecente..." (Jung, 2019, p. 297).

Dentro dessa consideração é importante pontuar que para Jung o contato com o inconsciente não se dá de uma forma direta. Assim, o estudo do inconsciente se dá através de um estudo indireto. Dentro dessa perspectiva há, portanto, o que se pode considerar como uma relação dialética entre o pesquisador, sujeito, e o objeto, pesquisa (Penna, 2005).

Foi partindo desse plano de fundo que Jung formula alguns conceitos que permearão a psicologia analítica. O primeiro no qual este trabalho vai se aprofundar é no conceito de sombra.

Para o psicólogo, a Sombra seria o centro do Inconsciente Pessoal. Sendo aquele material que foi reprimido pela consciência, pelo medo do não reconhecimento, aceitação, carinho de pessoas significativas do meio.

Jung classificou a Sombra como um dos principais arquétipos do inconsciente pessoal. Por “arquétipos”, entende-se um conjunto de estruturas inatas e herdadas do inconsciente coletivo, que servem para dar sentido à existência (JUNG, 1996). São padrões universais de comportamento, mas que se manifestam cada qual, das mais variadas maneiras dependendo da cultura na qual sejam representados.

É importante pontuar que a sombra, como já dito anteriormente, é um material reprimido. Para tanto, é necessário que se veja o porquê deste material, em diversos casos, permanecer inconsciente por quase toda a vida do sujeito. Há inegavelmente uma aversão pelo lado sombrio, uma tentativa contínua de impossibilitar a emersão de seus conteúdos. Para Jung isso não necessariamente se dava por motivos sociais, o autor coloca que “A moral não nós é imposta de fora, nos a temos definitivamente dentro de nós mesmos.” (Jung, 2014, p.38) Porém é possível observar que esta moral, que o autor coloca como sendo interna, acaba se transformando como uma delimitação da moral que é externalizada e difundida na cultura.

É notória dentro de diversas narrativas humanas a luta do herói contra si mesmo, contra a sua sombra. O tormento de heróis antigos e modernos de enfrentar a si próprios enquanto ainda buscam salvar o mundo. Todas essas histórias acabam por refletir e reiterar essa posição que a sombra parece ocupar no coletivo de ser algo negativo. Ainda no texto “A teoria de Eros”, o psicólogo faz o seguinte apontamento “Há pacientes que se vangloriam, dizendo que neles o lado sombrio não existe asseguram que não tem conflitos” (Jung, 2014, p.36).

Entretanto, como a própria literatura mostra em diversos exemplos o herói só é capaz de vencer quando olha para a sombra e, olhando para a sombra é capaz de se ver em sua completude. Jung coloca “As pessoas quando educadas para enxergarem claramente o lado sombrio de sua própria natureza

aprendem ao mesmo tempo a compreender e amar seus semelhantes, pelo menos assim se espera” (Jung, 2014, p.37). Essa afirmação acaba por ressoar em todo este trabalho. Nela é possível observar que para o psicólogo a compreensão do sujeito é fundamental para um olhar mais inteiro sobre o outro. A Sombra do outro é só dele, mas ela pode reverberar na minha própria, uma vez que ambos contamos com um lado sombrio.

O teórico Whitmont faz a definição de Sombra através de uma analogia

Imaginemos um motorista que, sem perceber, usa óculos com lentes vermelhas. Ele teria dificuldades para distinguir entre as luzes vermelha, amarela e verde dos semáforos e correria perigo constante de sofrer um acidente. De nada lhe adiantaria que algumas, ou mesmo que todas as luzes que ele percebe como vermelhas fossem realmente vermelhas. O perigo, para ele, está na sua incapacidade de diferenciar e separar o que a sua “projeção vermelha” lhe impõe. Quando ocorre uma projeção de sombra, não somos capazes de diferenciar entre a realidade da outra pessoa e nossos próprios complexos. Não conseguimos distinguir entre fato e fantasia. Não conseguimos ver onde começamos e onde o outro termina. Não conseguimos ver o outro; nem a nós mesmos. (Whitmont, 2016, p. 37).

A forma que o autor usa para explicar a Sombra deixa claro o quanto o material dessa parte do inconsciente individual acaba por se fazer presente no contato com o outro. A projeção da Sombra acontece de forma inconsciente no encontro diário com as pessoas que cruzam nossos caminhos. Negar seu impacto e a importância da sua análise é também negar grande parte da própria estrutura da psique do homem.

2.2. O conceito de inconsciente coletivo

Historicamente, Jung coloca como o caso principal para formulação do seu conceito de inconsciente coletivo o encontro que teve com um paciente esquizofrênico em 1906. Para o psicólogo, este caso é ideal para servir de exemplo uma vez que esse sujeito vivia em instituições psiquiátricas desde de os 20 anos e não teve, o que ele considerou como uma educação muito bem estruturada.

Neste caso, que Jung narra em diversos de seus textos, mas que nesse trabalho foi retomado nos escritos de “Os arquétipos e o inconsciente coletivo”, o paciente chega até o psicólogo e narra sobre a forma como ele olhava para o sol representava a origem do vento. Nas palavras escritas pelo autor “O senhor está vendo o pênis do Sol – quando movo a cabeça de um lado para outro ele também se move e esta é a origem do vento” (Jung, 2014, p.59). Jung coloca que em um primeiro momento escuta, mas acaba por colocar a narrativa como um sintoma do quadro esquizofrênico do sujeito.

Quatro anos depois o psicólogo entra em contato com a tradução de um papiro grego feita por Albrecht Dieterich. No texto Albrecht relata uma história sobre um tubo no disco solar que produzia o vento. A aproximação da narrativa e a história do paciente acabam por intrigar Jung. Para ele não havia a possibilidade do seu paciente ter tido contato com o enredo do papiro, uma vez que no momento em que ele contou a sua tradução ainda nem havia sido feita, dessa forma haveria outra forma de explicar como esses conteúdos tão próximos um do outro apareceram em dois momentos históricos distintos em pessoas distintas.

É através desse caso que Jung começa a formular um dos seus principais conceitos: o inconsciente coletivo. Diferentemente do que Freud conceituou, o fundador da psicologia analítica diferenciava os materiais do inconsciente naqueles individuais e coletivos, sendo que o primeiro vai ser tratado posteriormente neste capítulo. Há, portanto, um inconsciente que não é resultado de experiências pessoais, mas é herdado. Esse material nunca esteve na consciência. O autor coloca da seguinte forma

...trata-se de uma imagem totalmente coletiva, cuja existência étnica há muito é conhecida. Trata-se de uma imagem histórica que se propagou universalmente e irrompe de novo na existência através de uma função psíquica natural. Mas isto não é de se estranhar, uma vez que minha paciente veio ao mundo com um cérebro humano cujas funções continuam a ser as mesmas que entre os antigos germanos (...). Não se trata de ideias inatas, mas de caminhos virtuais herdados. (Jung, 2015, p.26)

Nesta passagem o psicólogo está usando como plano de fundo o processo de transferência de uma paciente com ele e acaba por cair em arquétipos da figura paterna e da amante. Mas é ressaltado o fato de que se trata de um conteúdo herdado e que acaba por reverberar na humanidade com o passar do tempo de forma inconsciente.

É ainda presente dentro do inconsciente coletivo o arquétipo. São os arquétipos que constituem o conteúdo inconsciente coletivo. Jung coloca "... indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar." (Os arquétipos e o inconsciente coletivo pp. 89). Assim, os arquétipos seriam as formas de representar esses conteúdos herdados de forma inconsciente.

Jung coloca ainda que esse conteúdo acaba por ser taxado por diversos estudiosos da época como um misticismo. No entanto, o autor coloca que ele é passível de comprovação empírica. Na obra "Os arquétipos e o inconsciente coletivo" ele coloca que as duas principais formas de comprovação são através dos conteúdos dos sonhos e da imaginação ativa. Todavia, ele avalia a dificuldade de estabelecer a diferença entre aquilo que está no campo do inconsciente coletivo e do processo de obter conhecimento através do estudo que o sujeito passa ao longo de sua formação.

É por isso que o caso narrado inicialmente é emblemático para o psicólogo porque o sujeito claramente não tinha nenhum conhecimento prévio sobre o tema. Dessa forma, fica claro que o conteúdo se tratava de algo no campo do inconsciente coletivo.

É ainda dentro do campo do inconsciente que o autor alerta

A camada mais profunda que conseguimos atingir na mente do inconsciente é aquela em que o homem "perde" sua individualidade particular, mas onde sua mente se alarga e mergulhando na mente da humanidade- não a consciência, mas o inconsciente, onde somos todos iguais. (Jung, 2017, p. 38)

Dessa forma, é notória a preocupação de Jung com os conteúdos dessa parte do inconsciente. Por se tratar de conteúdos que acabam por muitas vezes

reverberarem na convivência dos sujeitos de uma forma “velada”. Assim, ele coloca da seguinte forma

Via de regra, quando o inconsciente coletivo se torna verdadeiramente constelado em grandes grupos sociais, a consequência será a quebra pública, uma epidemia mental que pode conduzir a revoluções, guerras, ou coisa semelhante. Tais movimentos são tremendamente contagiosos, eu diria inexoravelmente contagiosos, pois, quando o inconsciente coletivo é ativado, ninguém mais é a mesma pessoa. Você não está apenas no movimento, mas é o próprio movimento. (Jung, 2017, p. 41)

A passagem é um alerta. Um alerta de que o inconsciente pode acabar por reverberar de tal forma no sujeito que pode trazer consequências terríveis. O olhar atento e constante para essa parte que não pode se ter controle parece ser a única forma de buscar não se deixar ser levado por uma maré psíquica que é possível ver que resultou em destruição e morte em diversos outros momentos históricos. O estudo dessa parte da psique do sujeito se faz imprescindível e a psicologia analítica tem muito a contribuir com esse cenário.

2.3. O conceito do inconsciente individual

No tópico superior deste capítulo foi discutido a parte do inconsciente comum a todos os sujeitos. Entretanto, Jung não nega a existência de uma parcela do inconsciente que diz respeito à história individual de cada um e é sobre esse tópico que essa parte do capítulo vai se limitar a discutir.

Em algumas de suas conferências que estão reunidas na obra “Os fundamentos da psicologia analítica” Jung utiliza de uma figura pra mostrar a diferenciação do inconsciente coletivo e o individual. A imagem foi colocada abaixo:

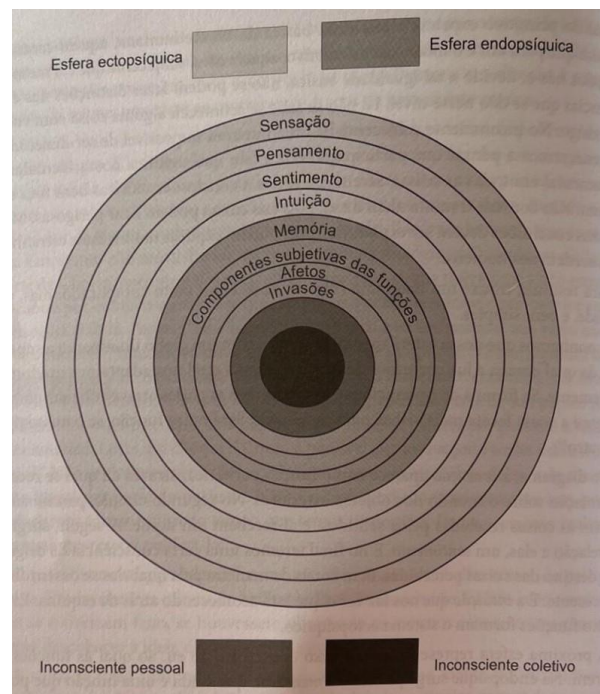


Figura 01: A psique

Fonte: Os fundamentos da psicologia analítica

A figura é uma representação da psique, todavia para os fins desse trabalho, o mais importante é se atentar para os dois círculos mais interiores do diagrama. Através deles é possível ver que para o psicólogo o inconsciente coletivo é mais interno, não diferenciado. Já o inconsciente individual é mais externo, acaba sendo diferenciado de sujeito para sujeito através da história individual de cada um.

Na mesma conferência em que faz uso do diagrama o psicólogo ainda diz

O inconsciente pessoal é realmente algo muito relativo, e o seu círculo pode ser restrito, tornando-se bem estreito, chegando à quase zero. E provável que um homem venha a desenvolver sua consciência a tal ponto que possa dizer “Nihil humanum, a me alienum puto” (Jung, 2017, p. 41)

Desta forma, é possível observar que para Jung o caminho para se aproximar e compreender este outro é tornar o inconsciente pessoal cada vez

mais consistente e ter como ponto em comum esse inconsciente coletivo, que como já foi dito anteriormente é hereditário. Esse é o caminho apontado pelo autor que é fundamental na construção desse trabalho. Nesta parte inicial se atenta para a fundamentação do termo.

Desta forma, em sua obra “O eu e o inconsciente” o autor coloca

Os materiais contidos nesta camada são de natureza pessoal porque se caracterizam, em parte, por aquisições derivadas da vida individual e em parte por fatores psicológicos, que também poderiam ser conscientes. É fácil compreender que elementos psicológicos incompatíveis são submetidos à repressão, tornando-se por isso inconscientes; mas por outro lado há sempre a possibilidade de tornar conscientes os conteúdos reprimidos e mantê-los na consciência, uma vez que tenham sido reconhecidos. Os conteúdos inconscientes são de natureza pessoal quando podemos reconhecer em nosso passado seus efeitos, sua manifestação parcial, ou ainda sua origem específica. São partes integrantes da personalidade, pertencem ao seu inventário e sua perda produziria na consciência, de um modo ou de outro, uma inferioridade. (Jung, 2015, p. 24)

Dentro dessa passagem alguns pontos são fundamentais para compreender o inconsciente individual, ele é: individual, possível de se tornar consciente e por alguns motivos acaba sendo composto por acontecimentos que são reprimidos. Na parte desse capítulo sobre a sombra se falou brevemente sobre aspectos morais. São esses mesmos aspectos que acabam por delimitar quais acontecimentos na história individual de cada um que vão ficar no campo do inconsciente e quais deles permanecem conscientes.

Sobre a retomada desses conteúdos o autor coloca em sua obra “Tipos psicológicos”

Através da experiência sabemos, por exemplo, que conteúdos conscientes podem tornar-se inconscientes por causa da perda de seu valor energético. Sabemos pela experiência que esses conteúdos que estão abaixo do limiar da consciência não desaparecem simplesmente e que, oportunamente, mesmo após decênios, podem emergir das profundezas, verificando-se alguma circunstância favorável como, por exemplo, o sonho, a hipnose, a criptomnésia. (Jung, 2013, p. 465)

Dessa forma, para Jung os conteúdos conscientes e inconscientes individual são resultados de uma forma energética. O psicólogo inclusive chega a teorizar o *bursting point* (JUNG, 2013, p. 121). Esse ponto é o momento em que o conteúdo rompe o limiar energético e passa de um conteúdo inconsciente para consciente. Assim, o conteúdo demanda de algo, de uma carga energética, que permita sua emergência, na passagem acima Jung coloca algumas técnicas que podem auxiliar nesse processo.

Com os principais termos da obra do psicólogo suíço é possível então iniciar um aprofundamento do tema que esse trabalho propõe. Portanto, no próximo capítulo se pretende realizar uma contextualização do uso de drogas e o homem civilizado.

3. O homem civilizado e a relação com o uso de drogas

Este capítulo vai buscar discutir sobre o que é o homem civilizado e sua constituição. Ao passar por esse debate é impossível não olhar para como se dá a construção do que é civilizado e o que acaba por adentrar no campo daquele que é o outro, o bárbaro, o diferente de mim e de como esse processo historicamente está atrelado a um processo de dominação. Dentro desse contexto também é possível ver que esse homem nem sempre está sempre na luz e que as sombras acabam por permear sua própria constituição. Por fim se pretende mostrar que o uso de substâncias que alteram estados da consciência e, ou causam algum efeito entorpecente permeia a história humana e não é um fenômeno recente oriundo de parcelas marginais em grandes centros urbanos e o aumento da violência.

3.1. O homem civilizado. O que é e como se dá a sua constituição.

Uma criança realiza uma viagem em um navio com seu pai e sua mãe. Devido às condições climáticas o navio sofre um acidente e a família acaba sobrevivendo e se refugiando em uma ilha deserta. Após um processo de adaptação ao novo local a família acaba sendo ocasionada por outra fatalidade: os pais são mortos pelo ataque de um felino. A criança sobrevive e é cuidada pelos macacos que viviam na ilha.

O desenvolvimento do jovem se dá entre aquele grupo de animais. Em um dado momento chega à ilha uma equipe exploradora de pessoas vindas de terras habitadas e ocorre o encontro do jovem, criado por macacos, e os humanos, que podem claramente serem vistos como expoentes de um mundo eurocêntrico. A história do jovem, Tarzan, foi popularizada em uma produção cinematográfica de Walt Disney no ano de 1999.

O enredo que pode ter chegado para muitos através de um filme infantil na verdade tem uma origem bem anterior. A história de Tarzan é publicada pela primeira vez em 1912 por Edgar Rice Burroughs em uma revista nos Estados Unidos da América. A narrativa do “homem macaco” está longe de ser uma simples história infantil e traz consigo uma carga de um pensamento eurocêntrico, imperialista e racista.

O jovem que viveu em meio aos animais desconhece os costumes e normas sociais do mundo dos homens. A sua redenção ocorre quando se curva para o mundo tido como civilizado. Tarzan é um homem, mas um homem que não aprendeu o que é ser civilizado e por isso é um homem inferior que deve se render para a civilização para conquistar o amor, um amor dentro dos moldes da civilidade romântica europeia.

Dentro deste cenário é possível se atentar para o seguinte apontamento

No cinema ocidental, as aventuras de Tarzan se enquadram numa teleologia melodramática cujo horizonte moral e ético consiste na (re)produção do Ocidente como fórum cultural mundialmente hegemônico em que se decidem totalmente os destinos das outras partes do mundo. (Ribeiro, 2021, p.472)

Desta forma, é possível estabelecer um questionamento do que é o civilizado? De onde ecoa o padrão civilizatório? E para, além disso, é possível pensar que o que se estabelece como civilizado e o incivilizado podem servir de ferramenta de dominação. A história do homem macaco reverbera há mais de cem anos a narrativa de que o branco, civilizado, é bom e o preto, incivilizado, é ruim. E essa narrativa pode se apresentar até na forma “ingênua” de um desenho infantil.

Para o sociólogo alemão Norbert Elias a constituição do civilizado é um processo. Não se trata de um processo pronto, ele se constitui através de pequenos acordos que podem aparecer inclusive sobre a forma de uma história, como Tarzan. Assim

A “civilização” que estamos acostumados a considerar como uma posse que aparentemente nos chega pronta e acabada, sem que que perguntemos como viemos a possuí-la, é um processo ou parte de um processo em que nós mesmos estamos envolvidos. (Elias, 1990, p. 73)

Para constatar sua posição da civilização enquanto um processo, o autor analisa um documento de Erasmo de Rotterdam em que são dadas algumas condutas consideradas adequadas para a educação de jovens no período medieval. Tais condutas dizem de como se sentar na mesa, se portar entre outras pessoas e até o vestuário.

O autor coloca que

O tratado fala de atitudes que perdemos, que alguns de nós chamaríamos talvez de “bárbaras” ou ‘incivilizadas”. Fala de muitas coisas que desde então se tornaram impúblicáveis e de muitas outras que hoje são aceitas como naturais. (Elias, 1990, p.69).

Desta forma, o que considera como civilizado está sujeito a um espaço-tempo em que se está inserido, uma vez que os hábitos são passíveis de mudança e o que se era considerado aceitável pode não ser mais com o passar do tempo.

É importante também pontuar que esses padrões de comportamento estabelecidos também acabam por ressaltar uma diferença entre um grupo sobre outro. A análise de Elias acaba por estabelecer uma comparação melhor entre classes sociais, mas isso pode ser expandido para outros grupos. Assim, com uma elite seguindo um determinado ritual de comportamento é claro a distinção com outro grupo. Um nobre não se senta à mesa como um camponês.

Ao estabelecer essas diferenças se tende a também se colocar atribuições morais sobre os grupos. O que não se comporta como o grupo dominante é o bárbaro, aquele moralmente inferior que se comporta de forma inadequada. Dessa forma, se estabelece um processo de dominação de um grupo sobre outro através de formas sutis como a forma como o sujeito se senta à mesa.

O autor apresenta isso com a seguinte passagem

O padrão de “bom comportamento” na Idade Média, como todos os padrões depois estabelecidos, é representado por um conceito bem claro. Através dele, a classe alta secular da Idade Média, ou pelo menos alguns de seus principais grupos, deu expressão à sua auto-imagem, ao que, em sua própria estimativa, tornava-a excepcional (Elias, 1990, p.76)

Desta forma, um determinado grupo é capaz de contar sua história como se ele fosse melhor que outro grupo. Visto que ele tem valores “superiores”. É dentro dessa perspectiva que é possível que o Tarzan busque a adequação para atingir a imagem de “excepcional” que os outros passam de si próprios.

Outro apontamento fundamental feito pelo autor para se pensar a moral que pauta esse conceito de civilizado é feito “E a despeito de toda a sua secularização, o lema ‘civilização’ conserva sempre um eco da Cristandade

Latina e das Cruzadas de cavaleiros e senhores feudais.” (Elias, 1990, p.67). Portanto, é inegável que há uma reverberação de uma moral cristã dentro do que pauta os costumes dentro do mundo civilizado.

A distinção entre o civilizado e o incivilizado também acaba por possibilitar uma diminuição do contato com o outro. Uma vez que diferenças são estabelecidas de um grupo para o outro a convivência diminui. Com a falta de contato o exercício de se reconhecer no outro acaba se tornando mais raro. O olhar acaba se voltando sempre para uma busca do que afasta e não do que aproxima entre os grupos.

Em seu poema “À espera dos bárbaros” (1904) o poeta grego Kaváfis termina com a seguinte questão “Sem bárbaros o que será de nós? Ah! eles eram uma solução.”. O poema fala de um lugar específico e de um tempo específico, mas acaba por reverberar em algo que foge desse espaço-tempo. Como será discutido mais a frente neste trabalho, alguns campos da psique de cada um acabam não sendo vistas e reconhecer no outro questões que também me dizem respeito acaba sendo um movimento que se faz sem se perceber, em muitos casos. Portanto, tornar o outro o “bárbaro” pode ser uma solução temporária para não se ver que também se é o bárbaro e não o sujeito civilizado que se imaginava.

Em sua obra Jung tenta compor uma unidade entre o mundo que em alguns momentos se apresenta como uma dicotomia entre o civilizado e o não civilizado, o Oriente e o Ocidente. Desta forma o autor coloca

Mas como há uma só Terra e o Oriente e o Ocidente não conseguiram rasgar a humanidade *una* em duas metades, a realidade psíquica mantém a sua unidade original e espera que a consciência humana progrida da crença em uma e da negação de outra realidade, para o reconhecimento das duas como elementos constitutivos de *uma* só alma. (Jung, 2013, p. 311)

Assim, é possível observar que para Jung a superação dessa dualidade é a forma para lidar com a ambivalência. O que é o bárbaro e o que é o civilizado pode assumir nomes distintos nos estudos de diferentes autores. O próprio autor faz uma alusão aos estudos de Nietzsche para abordar esse cenário na psique grega antiga.

Em uma passagem na obra “Tipos psicológicos”, o autor coloca “Nietzsche considerou a reconciliação do Apolo délfico com Dioniso como símbolo da reconciliação desses opostos no peito grego civilizado.” (Jung, 2013, p.151). Com essa passagem é possível observar que dentro da obra de Jung ele realiza um debate sobre esse civilizado se pautando no referencial grego de Apolo e Dioniso, partindo de uma referência nietzschiana. É nesta discussão que o próximo subtópico desse capítulo pretende se aprofundar.

3.2. O apolíneo e o dionisíaco na constituição do sujeito civilizado.

Ao longo da sua obra Jung acaba por referenciar alguns outros estudiosos do período. Esse é o caso de Nietzsche. Partindo de uma leitura de polaridade, que é bem recorrente dentro da psicologia analítica a teoria de um sujeito mais voltado para o interno, apolíneo, e um mais externo, dionisíaco, acaba sendo bem utilizada.

Assim, umas das formas que os autores consideram é que esses polos acabam por representar aspectos opostos do humano, mas que um não necessariamente anula a existência do outro em um sujeito. Dessa forma, é possível observar que para o psicólogo os opostos são parte da natureza humana e um sujeito não é apenas uma coisa ou outra.

Em uma das passagens da obra “Tipos psicológicos” isso é colocado da seguinte forma “... esses dois instintos tão diversos andam juntos, a maior parte das vezes em discrepância aberta, provocando-se mutuamente para sempre novos e mais fortes nascimentos.” (Jung, 2013, p.150). Portanto, é possível observar que existe uma formulação que é através da diferença que é possível uma construção mais robusta do sujeito, para Nietzsche isso ocorre principalmente através de produções artísticas.

Mas para que esses conceitos possam ser debatidos é necessário primeiro que eles sejam apresentados. Jung traz algumas formas de conceituar esse estado apolíneo. Desta forma, se tem que “O instinto apolíneo produz o estado comparável ao sonho...” (Jung, 2013, p.150) e “A comparação com o sonho traduz muito bem o caráter do estado apolíneo: é um estado de introspecção, de contemplação voltada para dentro, para o mundo onírico das ideias eternas, portanto um estado de introversão.” (Jung, 2013, p.156).

Já o aspecto do Dioniso acaba por representar outro lado que é colocado da seguinte forma “... o dionisíaco, o estado comparável à embriaguez.” (Jung, 2013, p. 150) e

É uma expansão dionisíaca, uma corrente de sentimento universal muito forte que surge irresistível e, qual vinho generoso, embriaga os sentidos. É embriaguez no sentido mais elevado. Participa desse estado em grau máximo o elemento psicológico da sensação, seja dos sentidos, seja afetiva. Trata-se pois, de uma extroversão de sentidos. (Jung, 2013, p.155)

Com esses conceitos postos, é possível observar que o homem apolíneo seria mais próximo do civilizado, partindo do ideal grego que acaba pautando grande parte do que é considerado civilizado na contemporaneidade, e o dionisíaco seria o homem mais bárbaro, que se deixa levar pelas suas sensações.

É interessante observar que para definir o homem mais extrovertido, que ecoa Dionísio, é utilizada a palavra embriaguez. Assim, esse homem que tem seu instinto mais voltado para o que não é considerado civilizado acaba sendo descrito com um embriagado. Desta forma, há uma conotação de que é possível que seja através do consumo de bebidas alcoólicas que se aproxime esse instinto dionísico. Não por acaso na cultura grega Dionísio é referenciado como o deus do vinho e das festas.

Jung pontua que

O dionisíaco, porém, é a libertação do instinto sem limites, a irrupção da *dynamis* (força dinâmica) desenfreada de natureza animal e divina. (..) o dionisíaco é comparável à embriaguez que dissolve o individual nos instintos e conteúdos coletivos, uma explosão do enclausurado eu por influência do mundo. (Jung, 2013, p.150)

Portanto, é possível considerar que o homem mais voltado para o polo dionisíaco tem uma grande força, mas nem sempre essa força é bem vista no mundo civilizado. Voltando para a conceituação e os termos sonho, em Apolo, e embriaguez, em Dionísio, é possível considerar que o sujeito apolíneo é capaz de achar as respostas dentro de si, em um exercício de introspecção, quase como se fosse ele capaz de caminhar com as próprias pernas. Enquanto isso, o dionísico acaba tendo que recorrer para substâncias externas para conseguir encontrar as respostas.

Dentro de um mundo cada vez individualista e voltado para a valorização do sujeito a habilidade de se auto gerir e resolver suas questões de forma independente é mais valorizado que a necessidade de se voltar para o externo para buscar a solução. Portanto, o instinto dionisíaco nem sempre foi valorizado. Todavia, essa não valorização acaba não resultando no seu fim e a sua existência é uma parte integrante do sujeito.

Ao longo deste trabalho se pretende mostrar que é olhando para esse instinto, em conjunto com outras parcelas da psique humana, que é possível se ter uma visão mais integral do homem. Com isso, é possível olhar para algumas situações e não criminalizar certos comportamentos e estabelecer discussões mais humanas e eficazes sobre o uso de drogas, por exemplo.

3.3. O uso de entorpecentes no mundo civilizado.

Segundo a Organização Mundial da Saúde – OMS (1993, p. 69-82), droga é “toda substância natural ou sintética que, introduzida no organismo, pode modificar uma ou mais de suas funções”. Todavia, antes de existirem órgãos de regulamentação e diretrizes sobre o consumo de algumas substâncias diversas sociedades realizavam o seu consumo de forma ampla. É comum ver relatos de antigas sociedades que faziam uso de drogas em rituais religiosos, remédios e até de forma recreativa.

Uma das formas mais amplamente difundida de consumo de drogas no mundo é através de bebidas fermentadas. Em diversos locais do mundo as civilizações produziram sua própria bebida e faziam o seu uso de forma sistematizada. Torcato coloca isso da seguinte forma “A representação das bebidas fermentadas aparece desde o início no Egito e na Mesopotâmia, inicialmente como uma prática da elite e depois se popularizando.” (Torcato, 2016, p.25). Dessa forma, a bebida alcoólica acaba se fazendo presente na história humana há bastante tempo.

Uma dessas bebidas fermentadas inclusive aparece na Bíblia. Ainda segundo Torcato

Na tradição judaica o vinho era considerado, junto com o pão, uma dádiva divina, forma principal de libação depois dos sacrifícios, dos serviços de domingo, das celebrações da páscoa e cerimônias de

passagem como os casamentos. (...) Nos textos bíblicos ficam claras as diferenças entre tomar vinho, algo benéfico, e se embriagar, algo reprovável. (Torcato, 2016, p.32)

Assim, é possível perceber que apesar de se fazer sempre presente o álcool acaba por apresentar quase sempre esse caráter dual de algo bom, mas que pode ser prejudicial. Também é importante pontuar que o vinho apresentava outros usos como: anestésico, solvente e ácido orgânico.

O ópio também é uma droga muito relata em antigas sociedades.

No mundo grego ele era extremamente popular. A lenda diz que o “deus da medicina” foi fulminado por Zeus por ter ensinado as virtudes e os segredos da papoula aos homens. Essa planta possuía difundido uso doméstico. Nas colônias gregas eras costume fazer grandes jardins de papoula, permitindo um rápido autoabastecimento na forma simples do chá com as cabeças da planta. (Torcato, 2016, p.28)

O ópio possui diversos efeitos e entre eles é um potente analgésico. A história dessa substância também acaba guardando uma característica de dominação. Isso se dá porque o Oriente entrou em contato com essa droga apenas após o processo de imperialismo Ocidental. O ópio acabou sendo amplamente utilizado por sujeitos do oriente e levou a diversos casos de adicção. Até hoje alguns analgésicos utilizados são derivados dessa planta.

Fazendo o recorte para a realidade dos povos sul-americanos, algumas substâncias já eram utilizadas por povos da região antes da chegada dos colonizadores. Uma delas era a jurema, uma pequena árvore do bioma da caatinga que podia ser utilizada para fabricar bebidas ou ser fumada. Existia também o chá de ayahuasca. Também era presente a folha de coca utilizada principalmente nas civilizações andinas e a folha de mate encontrada principalmente no sul do Brasil. (Torcato, 2016).

Outro ponto a se colocar é que durante o período da colônia o Brasil produziu duas drogas em larga escala: o açúcar e o café. Essas substâncias, que apesar de não serem consideradas drogas ilícitas acabam atuando no sistema nervoso e impactam o organismo do sujeito que realiza sua ingestão.

Sobre o café Torcato inclusive aponta para algumas possibilidades do porque, apesar de ser uma droga, a bebida ter sido difundida no mundo todo e hoje ser amplamente consumida.

O estimulante mais importante para a economia brasileira foi indiscutivelmente o café, cujo efeito psicoativo é o oposto ao provocado pelos inebriamento alcoólicos. Ele tem as propriedades que determinam a forma como a sociedade europeia se desenvolveu a partir do século XVII. A cafeína, seu princípio ativo, provoca aceleração das atividades intelectuais, fazendo desse fármaco a bebida burguesa moderna com enorme significação histórica. (Torcato, 2016, p.47)

Dessa forma, é possível observar que essa droga não só tem seu consumo muito bem aceito dentro da sociedade atual como foi fundamental na consolidação do estilo de vida burguês. Não é difícil associar a bebida com as altas produtividades de pessoas que se encontram inseridas dentro do contexto capitalista. O café se tornou para além de uma bebida um ritual que faz parte da rotina de diversos trabalhadores que possibilita que eles continuem servindo diariamente ao deus do capital.

Com isso é possível observar que na maioria das vezes o problema das drogas diz respeito à outra coisa: se o sujeito é capaz de se manter útil dentro do sistema ou não. Dentro da utilização de entorpecentes em antigas civilizações na maioria das vezes havia regras e formas de uso. A droga era parte, mas ao mesmo tempo seu uso era monitorado e ritualizado.

Também é importante ressaltar que o uso de algumas drogas tem relação direta com a classe social dos sujeitos. Torcato aponta

Foram os africanos os principais responsáveis sobre difundir o uso costumeiro de *Cannabis*. Existem evidências, desde o século XVI, que os escravos plantavam *Cannabis* nas suas hortas caseiras. Os senhores permitiam que eles fumassem nos períodos de inatividade do trabalho, reproduzindo um uso costumeiro entre os agricultores africanos. (Torcato, 2016, p.48)

Assim, o uso de maconha historicamente esteve vinculado com classes mais baixas e, portanto, nunca foi uma droga “bem vista”. É importante ressaltar que esse cenário está sofrendo mudanças em decorrências de novas pesquisas com a planta e a sua entrada como um possível objeto de lucro para alguns setores.

Torcato coloca ainda que a maioria das drogas teve uma história próxima no que diz respeito a ter seu uso voltado para a esfera medicinal e depois passarem para o uso mais amplo. Uma das que acabam fugindo desse modelo é o crack que aparece para atender uma demanda de consumo voltado para o

consumo ilícito. (Torcato, 2016.) No Brasil, a droga aparece no seguinte momento

no Brasil o *crack* surgiu em meados de 1988, em bairros da periferia de São Paulo. Em 1991, já se podia observar uma intensa procura pela droga na região central da cidade, especialmente no bairro da Luz; e em 1993, seu consumo alcançava grandes dimensões. Entre 1995 e 1997, a prevalência de uso aumentava de 5,2%, antes de 1989, a 65,1%, tornando o *crack* e a cocaína as principais drogas consumidas na cidade. Em 2005, a prevalência de uso na vida de *crack* correspondia a 0,7% da população, equivalente a 381 mil pessoas, o dobro do valor registrado em 2001. (RAUPP; ADORNO, 2011)

Desde o seu aparecimento até o aumento do consumo, o crack se mostrou uma droga que se tornou um problema principalmente no centro de grandes centros urbanos. Houve uma necessidade de se pensar programas que atendessem seus usuários e o planejamento urbano de regiões que acabaram por se tornar um ponto de referência para fazer o uso da droga.

Diante destes apontamentos, muito singelos quando comparados com toda a história que o uso de substâncias psicoativas tem na humanidade, é possível começar a compreender que na maioria das vezes as drogas que são legalizadas e a que não são respondem a uma lógica de mercado. Não é necessariamente uma proibição baseada nos malefícios, mas na não rentabilidade do consumo para o sistema. Tendo em vista isso é necessário que se olhe de maneira mais inteira para os usuários que na maioria das vezes são marginalizados. Mas tendo em vista que o café e o açúcar também podem ser considerados drogas, quem na atualidade não faz uso de substâncias diariamente?

4. O usuário de drogas em situação de rua como sendo a sombra do civilizado.

A manchete no portal de notícias G1 coloca “Polícia Civil aponta existência de 11 Cracolândias em Goiânia”. A notícia de 2012 não é uma manchete isolada, o uso de drogas é constantemente noticiado e divulgado. A lista aponta para a praça do trabalhador como um desses pontos e os demais acabam por serem pontos próximos à região central, além de três terminais de ônibus.

A notícia retrata uma questão latente nos centros urbanos: cada vez mais regiões passam a serem locais de uso de drogas a céu aberto, não só em Goiânia, mas em todo o mundo. As regiões centrais acabam por receberem esse fluxo maior devido a um processo de migração da população para outras áreas da cidade.

Neste espaço, sujeitos marginalizados se chocam com pessoas em suas tarefas diárias pra resolverem pendências, trabalhar e desenvolver outras atividades. Nesse local duas realidades que parecem não ter muito em comum acabam tendo que compartilhar um único local: o centro da cidade. Esse capítulo pretende aprofundar na percepção que esse encontro nem sempre é marcado pela diferença e que o choque entre o usuário de droga e o trabalhador pode trazer muito mais aproximações do que afastamentos.

4.1. O usuário nos centros urbanos

Manuel Bandeira escreve durante sua fase de poesia social o seguinte poema:

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

A forma como Bandeira pontua esse sujeito pode ser um retrato de uma visão que permeia a sociedade. Dentro dos diversos grupos socialmente marginalizados as pessoas que vivem em situação de rua são muitas vezes invisibilizadas. Afastar o outro, animalizar, negar que aquele sujeito tem algo que ressoa comigo acaba sendo uma atitude cotidiana dentro dos centros urbanos. Entretanto, é apontado “O bicho, meu Deus, era um homem.”.

O homem cai nessa categoria de animal por inúmeros fatores, um deles que pode ser apontado é a sujeira. Como já apresentado anteriormente o civilizado é um processo, como defendido por Elias, e um dos processos que constituem o conceito de civilização é o de higiene. O hábito de acordar todos os dias escovar os dentes, tomar banho, utilizar o banheiro e utilizar produtos que mascaram o cheiro do sujeito é algo que ocorre apenas em algumas parcelas da sociedade. Os que não seguem esse rito acabam sendo rotulados de “incivilizados”.

O processo de higienização da sociedade passa por uma lógica de consolidação da figura de autoridade do médico. Assim, esse profissional passa a orientar os sujeitos sobre as formas de cuidar do corpo como medida de prevenção para algumas doenças. José Gonçalves Gondra aponta em seu artigo “*Homo Hygienicus*: educação, higiene e a reinvenção do homem” o seguinte ponto

Tratar-se-ia portanto, nesta lógica, de lapidar uns e completar os demais de modo que se atingisse o modelo de homem civilizado que se pretendia impor. Para tanto, hospitais, presídios, hospícios, igrejas, cemitérios, quartéis, a casa e a própria escola foram sendo convertidos em pontos estratégicos por intermédio dos quais o programa civilizatório seria posto em funcionamento, conquistando lugares de enunciação, difusão e de realização de práticas a ele associadas. (Gondra, 2003)

Assim, como visto com a história do uso de drogas na humanidade o que passa a ser aceitável é apenas o cuidado com o corpo que passa pela aprovação da autoridade, assim como as drogas que podem ser utilizadas são apenas as que podem ser compradas com prescrição médica.

A higiene passa então a ser uma bandeira de colonização. Uma forma de levar até os bárbaros a forma adequada de se cuidar do corpo. A esfera do privado é invadida por práticas que minimizem o mau cheiro e acabem possibilitando uma maior organização das grandes cidades com os dispositivos de saneamento básico. Gondra critica essa perspectiva em seu texto por compreender que as políticas higienistas acabaram por serem ferramentas que serviram e servem para esse processo de colonização. Assim

Nos trópicos, lendo franceses, buscava-se operar uma efetiva modelagem, equipando os jovens acadêmicos dos largos fundamentos da doutrina higienista. Bem formados, esperava-se que esses homens agissem como efetivos médicos da ordem social, avaliando, diagnosticando e formulando o receituário a ser seguido. Tal procedimento, constituído em estratégia, funcionou de modo eficaz no processo de construção de legitimidade da própria ordem médica. (Gondra, 2003)

Esta perspectiva é dura quando é colocada dentro de um recorte social. Em uma rápida procura em ferramentas de busca na internet não é difícil achar matérias de jornais em que moradores de alguns bairros reclamam da presença de moradores em situação de rua pelo mau cheiro ou ainda que ocorra um aumento do lixo quando esses sujeitos ocupam as ruas. A forma de mostrar a insatisfação com a presença desses sujeitos é reclamando que eles não seguem o “pacto higienista”.

Magni aponta que uma das formas de tipificar o morador em situação de rua é através da sujeira. Assim, esse fator é visivelmente uma forma de diferenciar o eu do outro. O eu que segue as normas sociais e faz sua rotina de autocuidado e o outro que se entrega para o lixo e o mau cheiro. Dessa forma

O estereótipo do nômade urbano é clássico: roupa esfarrapada, pele encardida com dermatoses, às vezes abrindo em feridas, corpo marcado por cicatrizes; unhas das mãos e dos pés enegrecidas, compridas e, por vezes, deformadas; dentes em parte caídos, em parte cariados; cabelos ensebados, olhos congestionados, etc. São signos genéricos que contam a trajetória social e tornam evidente que o indivíduo faz parte da população pobre que habita as ruas (Magni, 1994, p. 134).

Portanto, esse sujeito acaba por ser um desconforto para aqueles que diariamente se entregam a uma rotina para caber dentro do molde da civilização. Este desconforto acaba por buscar uma segregação entre aquele que é diferente do que é formulado como hegemônico. Não é incomum, por exemplo, práticas de filantropia voltadas para a higiene, como a oferta de banhos, corte de cabelo e distribuição de kits de higiene para pessoas em situação de rua.

Em seu artigo “Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX” a autora Tania Andrade Lima pontua que

Por ter uma dimensão social e cultural, o corpo se constitui como suporte para práticas sociais, atuando como mediador nas relações do indivíduo com o mundo (Le Breton, 1991); e como assinalam Featherstone *et al.* (1991), enquanto representação da sociedade, expressa simbolicamente sua estrutura e a reproduz. (Lima, 1996)

Assim, é inegável que o corpo e a forma como ele se coloca na maioria das vezes responde a uma lógica burguesa de civilizado. Isso pode ser percebido pelo odor, como foi apresentado até agora através do mau cheiro que acaba sendo um estereótipo da pessoa em situação de rua, mas é claro também através da visão. Basta um passeio pelos bairros centrais de qualquer cidade para observar sujeitos que não se assemelham com o que é visto em bairros mais nobres.

Tendo isso em vista foi realizada uma busca de imagens que possibilitassem a comparação desse o sujeito considerado incivilizado e o civilizado.



Figura 02: Moradores em situação de rua no Rio. Andreia da Conceição dorme na Praça da Cruz Vermelha, na Lapa

Fonte: Jornal O Globo

Foto: Gabriel de Paiva



Figura 03: Pessoa em situação de rua revira sacos de lixo no largo Santa Cecília, região central de São Paulo

Fonte: Jornal Folha de São Paulo

Foto: Rubens Cavallari



Figura 04

Fonte: Moradores de rua e seus cães

Foto: Edu Leporo



Figura 05

Fonte: Pxfuel

Ao observar as três primeiras imagens fica claro que a realidade que permeia os sujeitos nas fotos é muito diferente das pessoas na figura 05. Os três primeiros sujeitos vivem em meio ao lixo, dormem no chão e fogem das

características preconizadas por uma medicina higienista. As outras pessoas estão na rua, mas se ocupam esse lugar de outra forma. Duas formas de viver distintas, mas que são levadas no fim por sujeitos que podem se cruzar a qualquer momento em um grande centro urbano.

A tentativa de ir para condomínios fechados, fugir do contato com o que causa desconforto não é totalmente eficaz. O cruzamento entre as duas realidades pode acontecer uma hora ou outra.

A tarefa de fechar a janela ao parar no sinal, desviar o olhar quando o sujeito se aproxima, usar fone de ouvido para não ouvir. Todos os atos diários, atos que criam uma barreira e relegam o outro a um lugar distante. Cria-se a concepção de que não se é o mesmo que o outro, uma vez que os lugares ocupados são diferentes. Mas, o afastamento pode ter outro significado e não ser a representação da diferença, mas justamente de uma possível aproximação que é cuidadosamente negada. Afinal, como pode um sujeito que mais parece um bicho se parecer comigo?

4.2. A integração da Sombra passa por uma construção coletiva e pelas políticas públicas

Diante desta realidade da dificuldade de se aproximar desse outro que me parece distante de mim a articulação de políticas públicas voltadas para essa parcela da população nem sempre são o tema da campanha dos políticos durante o período eleitoral. Nas últimas eleições você lembra-se de ver algum candidato discutir alguma política voltada para essas pessoas? Quando elas aparecem na maioria das vezes é dentro de um viés de “limpeza” e tentativa de tornar algumas regiões da cidade “mais seguras”.

Retomar as escolhas realizadas nas eleições é uma tentativa de estabelecer que a vivência dos usuários nos centros urbanos é uma questão coletiva. A Sombra que paira nesse campo da cidade não se restringe apenas a ele. É fundamental que ocorram maiores articulações para construir um sistema público de saúde mental capaz de olhar essas pessoas.

Entretanto, existem algumas políticas públicas que são voltadas para esse campo. Dentro dessa parte do trabalho algumas delas vão ser apontadas,

todavia, cabe ressaltar que em muitos casos essas situações são tratadas como “caso de polícia” quando na verdade o que deve ocorrer é um fortalecimento do sistema de saúde e de agentes sociais para que ocorra um olhar mais atento e que busque soluções que fujam do simplismo e do imediatismo.

É importante iniciar essa discussão pontuando que a construção de programas para usuários de drogas no Brasil acaba sendo espelhada no que foi adotado nos Estados Unidos. Desta forma, durante muitos anos o proibicionismo e políticas de abstinência foram as mais adotadas. Recentemente pode ser visto um movimento de adoção de um modelo de redução de danos.

No Brasil a atual legislação pode ser colocada da seguinte forma

A Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD) é o órgão do Ministério da Justiça e Segurança Pública que coordena as ações de prevenção ao abuso de drogas, atenção e reinserção social de usuários, além da repressão ao tráfico. Foi criada em 1998, no governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso, como Secretaria Nacional Antidrogas, com o intuito de ratificar, para a comunidade internacional, a adoção do modelo de repressão às drogas .

A *Lei nº 11.343/2006*, que rege a política pública sobre drogas, estabelece como um dos princípios da prevenção “o fortalecimento da autonomia e da responsabilidade individual” e preconiza também o “não-uso” ou o “retardamento do uso” e a redução de riscos como os objetivos almejados para ações preventivas. (TATMATSU.; SIQUEIRA.; PRETTE, 2020)

Assim, existe no Brasil uma legislação voltada para o tema e que busca orientar e amparar as discussões sobre a temática. É também estimulado que o assunto seja debatido nas escolas da rede pública e privada de forma continuada. Entretanto, esses programas são quase sempre modelos importados de outras realidades. (TATMATSU.; SIQUEIRA.; PRETTE, 2020)

As ações oficiais de prevenção que tiveram alcance nacional e que se mantêm até os dias atuais são muito restritas. Resumem-se a cursos de capacitação à distância, como por exemplo o Sistema para Detecção do Uso Abusivo e Dependência de Substâncias Psicoativas: Encaminhamento, Intervenção Breve, Reinserção Social e Acompanhamento (SUPERA), além de um programa de prevenção, o Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD), desenvolvido nas escolas pela Polícia Militar desde 1992. O PROERD é proveniente do programa Drug Abuse Resistance Education (DARE), criado pelo Departamento de Polícia de Los Angeles (Estados Unidos) em 1983 para crianças do Ensino Fundamental. Embora o PROERD continue a ser ofertado nas escolas, há pesquisas que datam dos anos 1990 mostrando a ineficácia do DARE. Da mesma forma, estudos atuais avaliaram negativamente o PROERD, tanto em função da

utilização de estratégias de amedrontamento, como pela ausência de evidências de eficácia. (TATMATSU.; SIQUEIRA.; PRETTE, 2020)

Desta forma é possível ver que algumas ressalvas podem ser feitas aos programas educativos que estiveram à frente das políticas antidrogas do Brasil. Diante de uma realidade que não parece ser alterada pelos programas que estavam em prática começam a surgir outras opções para lidar com a situação.

A cidade de Santos-SP, em 1989, foi a primeira a adotar a Redução de Danos (RD) como estratégia de saúde pública no Brasil diante dos altos índices de transmissão de HIV relacionados com o uso de drogas injetáveis. Durante os anos 1990, em outros municípios brasileiros, começaram a ser elaboradas as primeiras intervenções de prevenção ao HIV específicas para Usuários de Drogas Injetáveis (UDI) – com destaque para Salvador-BA, que implementou o primeiro Programa de Troca de Seringas (PTS) –, uma estratégia de RD que abordava UDI informando, orientando sobre medidas de prevenção ao HIV e propondo o não compartilhamento de agulhas e seringas^{2,3}. Em Recife-PE, o Programa de Redução de Danos foi implementado nos anos 2000 e adotou uma característica diferente, sendo direcionado para pessoas que usam álcool e outras drogas.

É importante ressaltar que, nesse período, ainda não havia políticas públicas de saúde voltadas especificamente para o tratamento das pessoas com problemas decorrentes do uso do álcool e de outras drogas, ficando estas sob os cuidados de instituições filantrópicas, religiosas ou psiquiátricas, na sua maioria de caráter asilar, manicomial e voltadas exclusivamente para a abstinência de drogas. A resposta do MS para essa questão só foi oficializada em 2003, com a publicação da Política de Atenção Integral aos Usuários de Álcool e Outras Drogas. (Medeiros, 2024)

É possível ver então que a redução de danos chega a um primeiro momento como uma forma de combater a propagação do vírus do HIV e só depois passa a ser uma possibilidade para as políticas voltadas para os usuários de álcool e outras drogas. É dentro também de um contexto da luta antimanicomial que ocorre um fortalecimento da rede de saúde mental e a tentativa de ter uma política de estado voltada para usuários de substâncias. Diante disso

Em março de 2002, foram criados os CAPS ad (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas) que são serviços de atenção psicossocial para atendimento de pacientes com transtornos decorrentes do uso prejudicial de álcool e outras drogas, devendo oferecendo atendimento diário, intensivo, semi-intensivo ou não intensivo. Esses serviços, conforme preconiza o Ministério da Saúde, devem contar com planejamento terapêutico individualizado de evolução contínua, possibilitando intervenções precoces, além de

apoio de práticas de atenção comunitária e de leitos psiquiátricos em hospitais gerais. (Larentis; Maggi, 2012)

Com o surgimento dos CAPS se iniciou um processo de tratamento em liberdade dos usuários de álcool e outras drogas. O serviço busca ainda promover o bem estar do sujeito e a abstinência não é uma obrigatoriedade para realizar o tratamento. Conta ainda com uma equipe multidisciplinar que busca amparar o sujeito em diversos setores.

Dentro do atendimento nessa unidade grande parte dos atendimentos também ocorre partindo da ideia da redução de danos. A definição pode ser apresentada da seguinte forma “Redução de Danos é uma política de saúde que se propõe a reduzir os prejuízos de natureza biológica, social e econômica do uso de drogas, pautada no respeito ao indivíduo e no seu direito de consumir drogas” (Andrade et al, 2001). Ou seja, é possível compreender que dentro da redução de danos não se pretende a abstinência, se não for o que o usuário busque, mas reduzir os riscos que o sujeito pode ter ao consumir a droga.

Portanto, o tratamento não é colocado como eficaz apenas quando o sujeito consegue atingir a abstinência. Se um usuário chega sem conseguir trabalhar devido ao uso abusivo e ao longo do tratamento ele ainda continuar fazendo o uso, mas conseguir estabelecer atividades laborais e com isso aumentar a autoestima o tratamento está sendo eficaz, dentro da redução de danos.

No município de Goiânia o primeiro CAPS voltado para o atendimento de álcool e outras drogas foi o Casa no ano de 2004. (Arantes; Toassa, 2017).

Ainda pensando em usuários de drogas que vivem em situação de rua, que é o recorte desse trabalho é importante ressaltar os Centros de Referência Especializados para Pessoas em Situação de Rua, o Centro POP. Nas unidades do Centro POP é possível que as pessoas tomem banho, tenham acesso a lanche e ainda são desenvolvidas atividades que busquem integrar os usuários.

Assim, é possível observar que; apesar de poucas existem algumas políticas públicas que acabaram por tomar uma direção de maior liberdade e acolhimento para os usuários principalmente com a luta antimanicomial. Todavia, é fundamental que essas políticas sejam cada vez mais fortalecidas ao invés unicamente aumentar o número de ações policiais em regiões em que os sujeitos fazem uso de drogas nas cidades.

É importante ainda ser colocado que com ferramentas públicas coletivas bem estruturadas a Sombra perde cada vez mais seu caráter negativo e vai sendo integrada como parte constituinte da sociedade. Com esse movimento é possível se afastar cada vez mais do que Jung pontua como a constelação do inconsciente, como foi abordado no primeiro capítulo desse trabalho, e evitar a eclosão de inúmeros eventos negativos.

5 Considerações Finais

O homem que está sujo sentado na rua com a barba longa que faz uso de programas sociais pra se alimentar e usa drogas pode ter alguma semelhança comigo, sujeito de classe média que faço a higiene frequento restaurantes em bairros nobres e faço uso de drogas de forma social? Para a maioria das pessoas a resposta pra essa pergunta pode ser um rápido “não”. Nesse tópico pretende-se aprofundar o que já foi permeado em todo esse trabalho: essas duas realidades podem ser mais próximas do que se imagina.

Entre as pessoas em situação de rua nos centros das cidades o uso de drogas acaba sendo uma realidade para grande parte. Mesmo que fazer o uso de substâncias seja algo que acompanha a história da humanidade em seus mais diversos locais e épocas, dentro da estrutura social que é hoje colocada a forma como o sujeito vai ser visto ao fazer o uso acaba sofrendo respingos de recortes de classe social, cor, entre outras parcelas marginalizadas. Segundo Rui (2006) existem certas formas de legitimação de compra e consumo de drogas por alguns grupos, enquanto outros são hostilizados e rotulados como “marginais”.

Dentro do campo das drogas há uma proliferação de um discurso massivo. Olhar para o sujeito para além do animal, como proposto por Bandeira é uma tarefa que quase nunca é feita. Assim (FERREIRA, 2018)

A rede discursiva dominante sobre as drogas – constituída por discursos midiáticos, médicos, jurídicos, científicos, religiosos e políticos – constrói e impõe uma verdade rígida e homogeneizada sobre os sujeitos, referência sua pertença simbólica e captura-os em uma estreiteza e escassez de possibilidades identificatórias, representações, posicionamentos subjetivos e lugares no laço social (Rosa, 2016).

O afastamento desse sujeito que pode ser uma simbolização da própria sombra pessoal dessa pessoa que afirma ser muito diferente desse animal acaba por ser um processo que possibilita o passeio no centro da cidade nos fins de semana sem grandes afetações. Como é colocado (FERREIRA, 2018)

Dessa forma, os discursos hegemônicos sobre as drogas produzem uma série de figuras que se atualizam na cena social – o drogado, o delinquente, o noia, o cracudo, o zumbi, o adicto em recuperação –, obturam o lugar discursivo dos sujeitos, silenciando-os e fixando-os em posições marginalizadas (Rosa, 2016). Portanto, esses discursos não são sem efeitos sobre os sujeitos dos quais tratam, mas possuem um caráter constitutivo e promovem processos de subjetivação-dessubjetivação (Agamben, 2014; Foucault, 2016).

Todavia, em alguns contextos é aceitável o uso de drogas por alguns grupos. Em seu texto “A psicologia da figura do ‘Trickster’” Jung faz um recorte sobre as festas como o carnaval. Nessas comemorações em que o dionisíaco é celebrado e aclamado é possível que os sujeitos deixem emergir suas sombras, mesmo que temporariamente. O psicólogo pontua “...essas festas comprovam que a sombra pessoal é, por assim dizer, descendente de uma figura coletiva numinosa.” (Jung, 2014, p.264)

Portanto é possível que para Jung a sombra pessoal acaba por ser posterior a algo coletivo. Esses grandes momentos de extravasamento da “...euforia e a irresponsabilidade pagã e bárbara” (Jung, 2014, p.259) acabam por ser algo que reverbera em todos. Está no coletivo a sombra da tentativa de anestesiar parte da existência e cultuar Dionísio.

Jung coloca ainda que em diversas culturas existem festas em que podem ser feitas ações que no dia a dia não seria aceitável.

Se colocarmos essa questão, o que é possível e permitido, em paralelo com um caso individual correspondente, uma impressionante e paradoxal figura da sombra – posta em confronto com uma consciência pessoal – não comparece pelo fato de existir ainda, mas por repousar num dinamismo, cuja existência só pode ser explicada a partir da situação presente: por exemplo, porque ela é tão antipática à consciência do eu que deve ser recalcada no inconsciente. (Jung, 2014, p.266)

Tendo em vista o que esse trabalho já discutiu sobre o homem civilizado é possível dialogar e perceber que com o passar do tempo alguns costumes tidos

como “devassos” não cabiam mais dentro desse homem. Entretanto, existem alguns períodos em que isso acaba sendo possível, mas cabe a esse sujeito saber caminhar nas polaridades e não se deixar levar completamente por esse prazer instantâneo. Como se o verdadeiro homem civilizado é aquele que carrega a máxima de que “tudo me é lícito, mas nem tudo me convém”, ele deve saber o momento de parar e voltar para as obrigações diárias e servir ao sistema.

O servir ao sistema é fundamental. Se a pessoa não consegue mais ir ao trabalho porque está fazendo uso de alguma droga ela logo é vista como um problema. Entretanto, o sujeito que compra comprimidos na farmácia pra aumentar a produtividade pode passar anos fazendo o uso regular de alguma substancia e ele provavelmente ainda receberá elogios pela produtividade.

É importante pontuar que o conflito com a sombra passa despercebido mesmo para grande parte dos sujeitos “É raro que o homem o homem, o indivíduo, saiba disso.” (Jung, 2014, p.41). Aqui o psicólogo fala do conflito do não saber de uma “dinâmica francamente demoníaca” (Jung, 2014, p.41) no campo da sombra. Assim é difícil também estabelecer uma culpabilização dos que não veem o marginal como um similar já que esse material quase sempre está no campo inconsciente.

Assim, é muito mais fácil perceber o bárbaro em grandes conflitos, quando essa sombra rompe, do que no cotidiano das grandes cidades. Entretanto, o que de maneira maniqueísta pode ser definido como maldade quando alguém assiste ao noticiário na noite pode ser apenas um conteúdo amplificado que na realidade qualquer pessoa está sujeita a cometer.

Porém Jung pontua possíveis caminhos para que esse conflito seja minimizado. “As pessoas quando educadas para enxergarem claramente o lado sombrio de sua própria natureza aprendem ao mesmo tempo a compreender e amar seus semelhantes, pelo menos, assim se espera” (Jung, 2014, p.28). Portanto, o caminho que o autor parece apontar não é para aprisionar essa sombra em um lugar mais escuro, mas trazer ela para a luz, olhar. Esse olhar de uma forma sincera, sem medo e receios, saber que essa parte, por vezes cruel, faz parte do todo do sujeito.

Ampliando isso para o campo do coletivo, que reverbera dentro das cidades, é importante colocar que esse caminho, proposto por Jung, passa por abrir mão de espelhar sua Sombra no outro e compreender que aquilo que incomoda nele pode estar presente em si. Isso pode ser exemplificado pela passagem

(...) descobrimos nossa “alteridade” em “outrem”, ou melhor, descobrimos outra pessoa que pensa, age, sente e deseja tudo aquilo que condenamos e desprezamos. Achamos nosso bode expiatório e, satisfeitos, iniciamos o combate a ele. (Jung, 2014, p.46)

Fica evidente, dessa forma, que a busca por culpabilizar o outro deve ser cada vez mais minimizada. O outro é humano e passa por situações de dor e sofrimento como qualquer um, as formas para minimizar isso podem ser diversas, mas a vivência do humano é complexa para qualquer um.

6. Conclusão

Diante de tudo o que foi exposto nesse trabalho é possível concluir que a solução é o mergulho para si. É apenas com o reconhecimento da sombra que é possível que uma sociedade construa fundações mais solidárias para com os seus. É reconhecendo que as inseguranças e fraquezas do outro podem também reverberar dentro de mim em algum momento, diante de algum acontecimento.

Com isso é possível que se construa políticas públicas adequadas e que ocorram debates mais reais sobre o uso de drogas. Não é com a negação e a estigmatização dessas pessoas nos centros da cidade que é possível que se ache uma solução, se é que a sombra é algo a ser superado.

Dentro desse panorama a psicologia se apresenta como fundamental para realizar esse debate. É articulando diferentes perspectivas dentro dessa ciência e discutindo com outros setores que é possível caminhar dentro do cenário dos usuários de drogas nos centros urbanos.

Fazendo o recorte que esse trabalho se propôs é com a fundamentação da psicologia analítica que é possível superar os debates maniqueístas pautados em olhar apenas para as pontas de polos antagônicos e ver que esses dois pontos são partes constituintes do humano. A Sombra não é unicamente de uma pessoa, é de todos e para lidar com isso, portanto, se faz necessário, também, a atuação de todos.

Por fim, esse trabalho não pretende encerrar esse debate. A vivência das pessoas em situação de rua deve cada vez mais ser olhado e para, além disso, ser visto debatido e pautado nos debates da urbanidade. O tema é amplo e as vivências de cada sujeito que habita a rua pode carregar um número incontável de arquétipos que ressoam dentro de todos os lugares.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, T. M.; Lurie, P.; MEDINA, M. G. et al. **“!e opening of South America’s first needle exchange program and an epidemic of crack use in Salvador, Bahia-Brazil”**. *Aids and Behavior*, San Diego, California-USA, v. 5, n. 1, p. 51-64, 2001.
- ARANTES, Débora Jerónima; TOASSA, Gisele. **Movimento da reforma psiquiátrica em Goiânia, GO: trajetória histórica e implantação dos primeiros serviços substitutivos**. *Rev. Psicol. Saúde*, Campo Grande, v. 9, n. 2, p. 47-60, ago. 2017.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da Vida Inteira**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- GIL, Antonio Carlos. **Como classificar pesquisas**. In: GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002. P. 41-57.
- GONDRA, J. G.. **Homo hygienicus: educação, higiene e a reinvenção do homem**. *Cadernos CEDES*, v. 23, n. 59, p. 25–38, abr. 2003.
- FERREIRA, Iara Flor Richwin. **O Paradigma da redução de danos na clínica com usuários de drogas : inflexões, deslocamentos e possibilidades de escuta e posicionamento clínico**. *Boletim de Análise Político-Institucional (BAPI)*, n. 18, dez. 2018.
- JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- _____. **Mysterium Coniunctionis: Pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia**. Petrópolis: Vozes, [1955-1956] 1988b. (Obras completas de C. G. Jung v. XIV/1)
- _____. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- _____. **Os fundamentos da psicologia analítica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- _____. **O eu e o inconsciente**. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- _____. **Psicologia do incosciente**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- _____. **Tipos psicológicos**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- LARENTIS, Chalana Piva; MAGGI, Alice. **Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas e a Psicologia**. *Aletheia*, Canoas , n. 37, p. 121-132, abr. 2012 .
- LIMA, T. A.. **Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX**. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 2, n. 3, p. 44–94, fev. 1996.

LIMA, T. C. S. DE .; MIOTO, R. C. T.. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Revista *Katálysis*, v. 10, n. spe, p. 37–45, 2007.

MAGNI, C.T. **Nomadismo urbano: uma etnografia sobre os moradores de rua em Porto Alegre. 1994**. 198 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MEDEIROS, Pollyanna Fausta Pimentel de et al. **Consultório de Rua: cuidado no território na interface entre HIV/Aids, drogas e Redução de Danos**. Saúde em Debate [online]. v. 47, n. 136 [Acessado 13 Janeiro 2024] , pp. 308-317.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE: **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas**. Tradução: Dorgival Caetano, 1ªed. Porto Alegre: Artes Médicas, 69-82, 1993.

PENNA, Eloisa M. D.. **O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa**. *Psicol. USP*, São Paulo , v. 16, n. 3, p. 71-94, set. 2005 . .

PETRÓPOULOS, Ioánnis. **DESCONSTRUINDO O CONCEITO DE BÁRBARO COM A AJUDA DE KAVÁFIS**. *Ελληνικο βλεμμα*, [S. l.], n. 3, 2017. DOI: 10.12957/ellinikovlemma.2017.33684. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/ellinikovlemma/article/view/33684>. Acesso em: 27 dez. 2023.

Polícia Civil aponta existência de 11 cracolândias em Goiânia. G1, Goiânia, 13 de março de 2012. Disponível em: [https://g1.globo.com/goias/noticia/2012/03/policia-civil-aponta-existencia-de-11-cracolandias-em-goiania.html#:~:text=Segundo%20Conasp%2C%20existem%20cerca%20de,usu%C3%A1rios%20de%20droga%20em%20Goi%C3%A1s.&text=Um%20levantamento%20da%20Pol%C3%ADcia%20Civil,Trabalhador%20\(veja%20lista%20abaixo\)](https://g1.globo.com/goias/noticia/2012/03/policia-civil-aponta-existencia-de-11-cracolandias-em-goiania.html#:~:text=Segundo%20Conasp%2C%20existem%20cerca%20de,usu%C3%A1rios%20de%20droga%20em%20Goi%C3%A1s.&text=Um%20levantamento%20da%20Pol%C3%ADcia%20Civil,Trabalhador%20(veja%20lista%20abaixo)). Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Rio Grande do Sul, 2013.

RAUPP, L.; ADORNO, R. DE C. F.. **Circuitos de uso de crack na região central da cidade de São Paulo (SP, Brasil)**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, n. 5, p. 2613–2622, maio 2011.

RUI, T. (2006). **“Só se vive uma vez”**: uma reflexão acerca de distintas concepções e práticas do uso de “drogas”. *Revista Mediações*, 11(2), 187-202.

TATMATSU, D. I. B.; SIQUEIRA, C. E.; PRETTE, Z. A. P. D.. **Políticas de prevenção ao abuso de drogas no Brasil e nos Estados Unidos**. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, n. 1, p. e00040218, 2020.

TORCATO, C.E.M. **A história das drogas e sua proibição no Brasil: da Colônia à República**. 2016. 371 f. . Tese apresentada ao Programa de PósGraduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-05102016-165617/ptbr.php>

WAHBA, L. L.. **A Criação de Sensibilidades: Epistemologia e Método na Psicologia Analítica**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 35, p. e3548, 2019.

Whitmont, E. C. (2016). **A evolução da Sombra**. (M. Scoss, Trad.). In Zweig, C., & Abrams, J. (orgs.). *Ao encontro da sombra* (15ª ed.). (pp. 36-42). São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1990)